



instituto
SINGULARIDADES

PASSO I

Procedimentos de Avaliação e Análise de casos em Psicopedagogia

Conceitos Básicos da Avaliação Psicopedagógica e os Processos de Aprendizagem

CONCEITOS BÁSICOS DA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Objetivos

- Entender a importância da avaliação psicopedagógica, tanto no âmbito clínico quanto no institucional;
- Refletir a respeito da relação da aprendizagem no processo de avaliação;
- Revisar alguns conceitos, já vistos em módulos anteriores, que são fundamentais para o processo de avaliação, com enfoque na prática dos processos de avaliação.

Avaliação psicopedagógica clínica e institucional



Avaliação/Diagnóstico

Avaliação Ato de avaliar/sinônimo: estimativa, apreciação.
No âmbito da pedagogia – processo sistematizado de registro e apreciação dos resultados obtidos em relação a metas.

Diagnóstico (Origem grega)

Dia: através de, atravessar, separar/*Gnosis*: conhecimento.

Toda avaliação psicopedagógica, seja ela clínica ou institucional, é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada.



Conduta esta, que, no caso, trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldades ou lentamente, do não-revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem.

Nesta investigação pretende-se obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo nesse processo.

Sendo assim, a avaliação tem como objetivo identificar as causas dos bloqueios que se apresentam nos sujeitos com dificuldades de aprendizagem.

Bloqueios estes manifestados por meio de sintomas de diferentes maneiras:



Baixo rendimento escolar



Agressividade



Falta de concentração



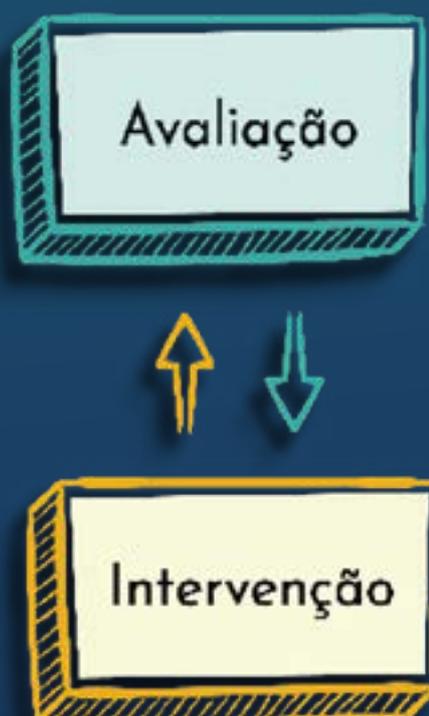
Agitação

Realizar uma avaliação é como iniciar a montagem de um quebra-cabeças, na medida que analisamos cada informação, seja ela objetiva ou subjetiva, vamos encaixando as peças de maneira a descobrir o que está por trás dos sintomas.

As peças são oferecidas pela família, escola e, principalmente, pelo próprio sujeito. Cabe ao psicopedagogo ajudar no manejo desta montagem de acordo com o conteúdo trazido os fatos cronológicos. Para isso é preciso levar em conta todos os aspectos objetivos e subjetivos observados nos diversos âmbitos: cognitivo, sócioafetivo e físico.

Todo processo de avaliação é estruturado para que se possa observar a dinâmica de interação entre o cognitivo e o afetivo da qual resulta o funcionamento do sujeito.

Esta investigação permanece durante todo o trabalho de avaliação por meio das intervenções, da escuta psicopedagógica, para que se possa decifrar os processos e assim dar sentido ao observado e nortear a intervenção, seja no âmbito clínico ou institucional.



Durante a ação avaliativa, recorreremos sempre a conhecimentos teóricos e práticos. É uma alimentação mútua permanente entre a prática e a teoria; podemos dizer que a avaliação pode ser vista como uma “pesquisa-ação”, que possibilitará ao terapeuta levantar hipóteses provisórias que irão sendo confirmadas ou não ao longo do processo.

A avaliação costuma ser solicitada a partir de sintomas que são percebidos pelo próprio indivíduo ou pelos outros. Estes “sintomas” estão sempre mostrando algo, é um **epifenômeno**. Com o sintoma, o sujeito sempre “diz alguma coisa aos outros”, se comunica, e “sobre o sintoma se pode dizer algo”.

GLOSSÁRIO

Epifenômeno vem do grego epi, “sobre” + phainómenon, “algo que aparece”. Fonte: <https://bit.ly/3wPZhpT>



O sintoma é, portanto, o que emerge da personalidade em interação com o sistema social em que está inserido o sujeito. Assim, o problema manifestado pelo aluno, numa determinada escola, turma ou em relação a um determinado professor pode não se manifestar de forma clara. O sintoma é apenas uma forma de manifestar que algo (interno ou externo) no indivíduo está em desequilíbrio.

Portanto, a avaliação psicopedagógica já é, por si só, uma intervenção junto ao paciente/cliente. Na verdade, é o terapeuta quem necessita da avaliação para poder planejar, com maior eficácia, o tratamento que será realizado.

Por meio da avaliação devemos buscar encontrar, conhecer, no conteúdo expresso nas entrevistas e atividades realizadas, não apenas o que nos é dito, como também, algo distinto do que é ali manifestado.

“Ainda que a maioria dos instrumentos que utilizamos no diagnóstico psicopedagógico tenham sido desenhados, estandarizados e estudados pela psicologia, e por consequência dirigidos ao estudo da personalidade, nossa leitura da produção desencadeada pelos mesmos surgirá da especificidade própria da atividade psicopedagógica. Um diagnóstico psicopedagógico de uma criança ou adolescente busca responder a interrogações particulares, tais como:



- 1. com que recursos conta para aprender?*
- 2. o que significa o conhecimento e o aprender no imaginário do sujeito e de sua família?*
- 3. que papel foi-lhe designado por seus pais em relação ao aprender?*
- 4. qual é sua modalidade de aprendizagem?*

5. qual é a posição do sujeito frente ao não dito, ao oculto, ao secreto?

6. que função tem o não aprender para ele e para seu grupo familiar?

7. qual é o significado da operação particular que constitui o sintoma?

8. como aprende e como não aprende?

9. o espaço não aprender responde a um sintoma, ou é uma resposta reativa ao meio socioeducativo?"

Fernández, Alicia. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.*

A avaliação psicopedagógica é um processo de investigação que procura responder:

- Qual o potencial? (O que já se encontra instalado)
- O que, e por que falta? ("O que falta, todos sabem...")

Durante o processo de avaliação, devemos reportar-nos:

- à família;
- à escola;
- ao próprio paciente.



Indicação de Vídeo

- Para finalizarmos, vamos assistir a um pequeno vídeo sobre a Importância da Avaliação Psicopedagógica na visão da psicopedagoga Luciana Brites e realizar a leitura de um texto do livro: “A inteligência Aprisionada” – Alicia Fernández – páginas: 21 a 27 – Capítulo 2. - Link: <https://bit.ly/3uQ5wrO> Acesso: 15/04/2021

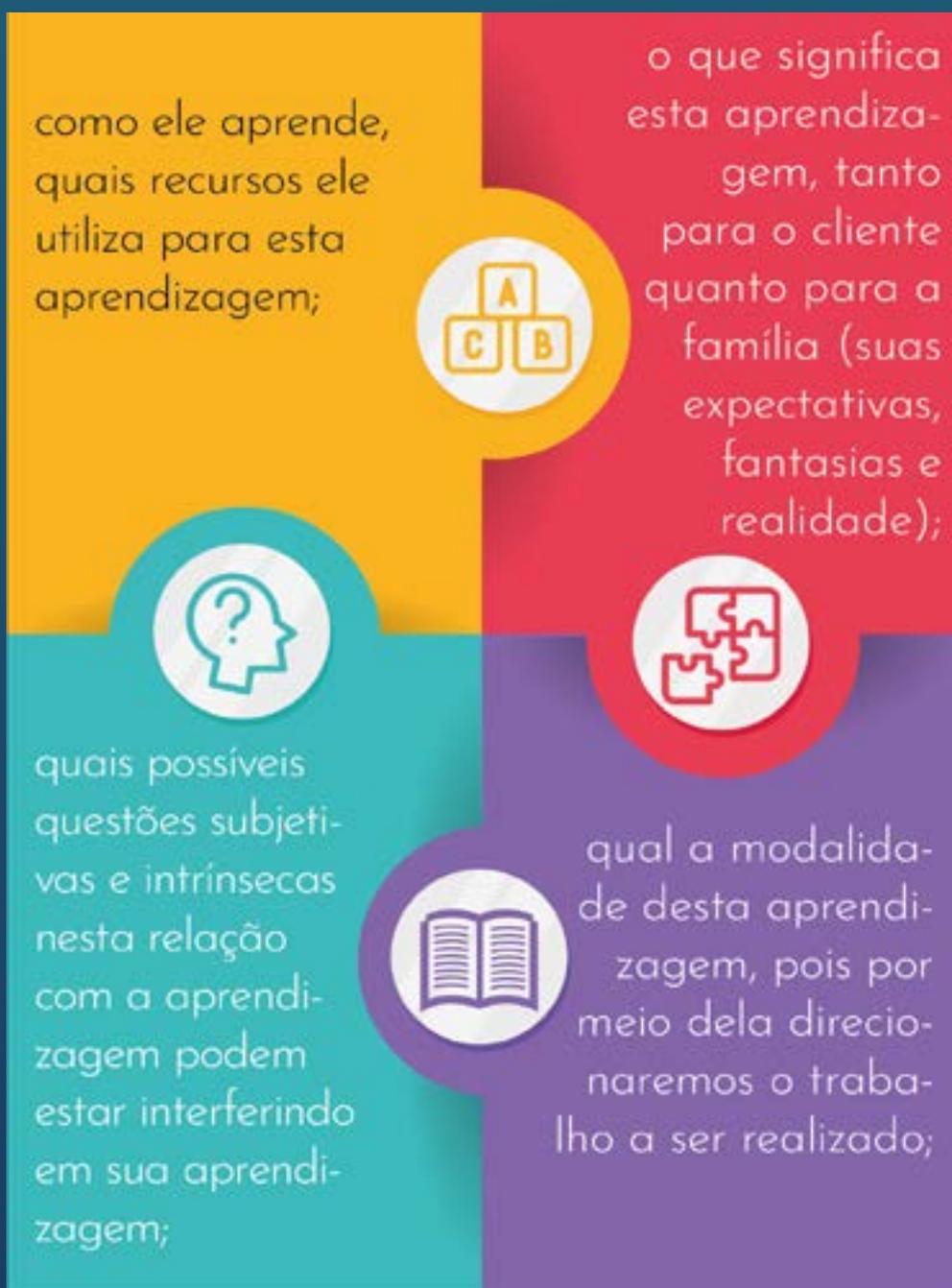


Indicação de Leitura

- Texto complementar: “Especificidade do Diagnóstico psicopedagógico” (Págs. 21 a 27 – Capítulo 2 do link).
Link: <https://bit.ly/3e8Q7Ms> Acesso: 15/04/2021

Resumindo...

Em uma avaliação psicopedagógica devemos, por meio de instrumentos específicos, buscar do nosso cliente, seja ele criança, adolescente, adulto ou idoso, qual a relação deste sujeito com a aprendizagem:



Importante também verificar este não aprender, se é de origem orgânica, social ou emocional (detalharemos no decorrer do módulo).

Importante investigar qual a posição do sujeito frente a estas dificuldades, qual a sua postura frente aos segredos, ao não dito, frente à diferença e à distância do **imaginário** e do **real**, visto que a impossibilidade de simbolizar é o que provoca a fratura (dificuldade) ou o sintoma.

Não podemos generalizar em nos ater apenas em analisar os aspectos subjetivos, mas também observar o funcionamento cognitivo e vice-versa. A observação deve abranger todos os aspectos: emocional, orgânico, familiar, social e cognitivo.

Finalizando, realizamos a avaliação para levantar as hipóteses das causas dos sintomas apresentados e assim iniciarmos o processo de intervenção, porém vale salientar que a avaliação não completa o olhar interpretativo nem de avaliação: todo processo terapêutico é também avaliativo.

GLOSSÁRIO

Imaginário: criado pela imaginação e que só nela tem existência; que não é real; fictício.

Real: é tido como aquilo que existe, fora da mente ou dentro dela também.

Modalidade de Aprendizagem



Objeto de estudo da Psicopedagogia

Antes de falarmos da Modalidade de aprendizagem retomaremos o Objeto de estudo da Psicopedagogia:

“A Psicopedagogia estuda as características de aprendizagem humana: como se aprende, como esta aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las”.

Portanto, seu objeto de estudo:

“O processo de aprendizagem e suas variáveis”

Visto que a Psicopedagogia trabalha com os processos de aprendizagem e suas variáveis, faz-se importante termos bem definido como se dá a aprendizagem.

Vamos rever aqui o conceito de aprendizagem por Alicia Fernández:



Informação: Dado terminado, recortado e recortável, transmitido por meio de signos.

Conhecimento: Conteúdo objetivo, vindo de fora (transmitido do por livros, máquinas...), depende da informação.

Saber: Conteúdo subjetivo, sempre em construção, resulta das experiências vividas, é pessoal.

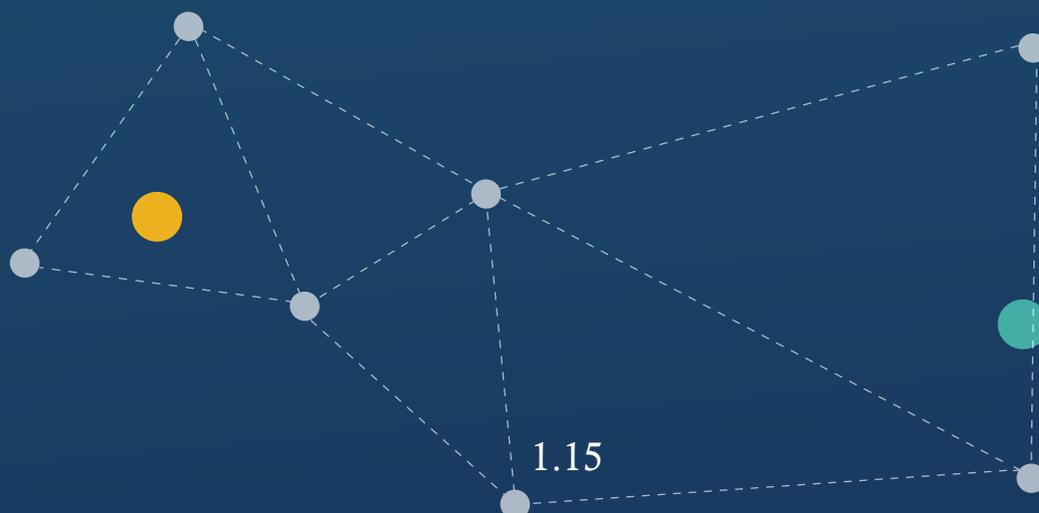
De acordo com o esquema acima, a autora nos coloca a importância da relação dos termos: Informação/Conhecer e Saber, cuja junção nos remete ao aprender.

“... O conhecimento não pode ser transmitido diretamente em bloco. O ensinante o transmite através de um signo (Informação)... Escolhe-se uma situação, faz-se um recorte, transmite-se conhecimento e também ignorância... não se transmite, na verdade, conhecimento, mas sinais desse conhecimento para que o sujeito possa, transformando-o, reproduzi-lo”. Alicia Fernández (1990)

Como visto anteriormente, o Saber necessita do Conhecimento adquirido, e a autora ainda ressalta:

*“O saber dá poder de uso, o conhecimento não.”
“Saber é saber fazer.”*

O fato de conhecer sobre determinados assuntos não quer dizer que sei de fato.



Vejamos o exemplo abaixo:

Dirigir um carro

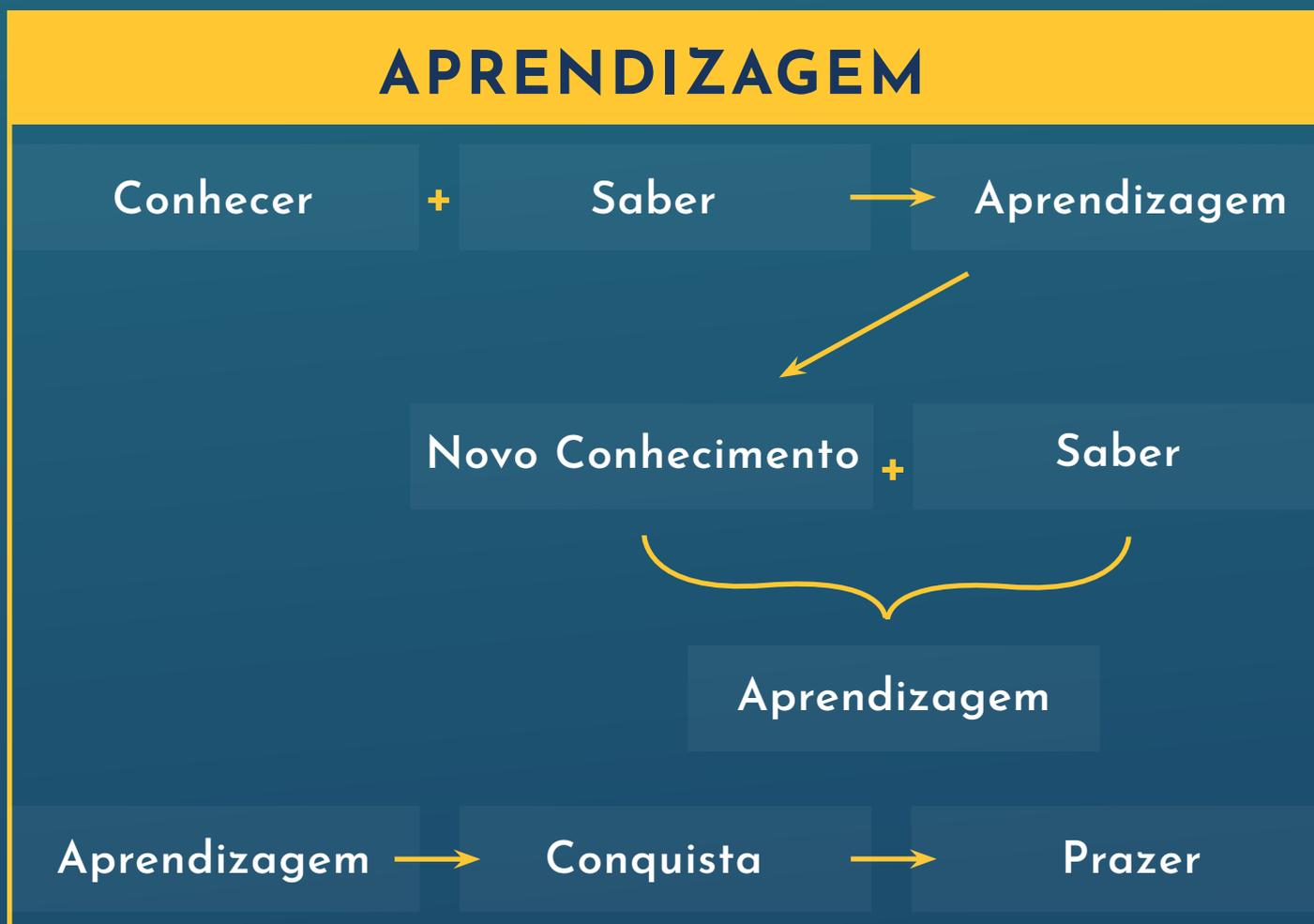
Se alguém diz: “Sei dirigir”, supõe-se, caso tivesse um automóvel, que poderia sair dirigindo.

Porém...

Se alguém diz: “Eu conheço como se dirige um carro”, até o melhor amigo duvidaria de emprestar o carro.

Para ter o saber de dirigir é preciso ter o conhecimento, mas somente isso não é o suficiente.





Portanto, podemos dizer que a aprendizagem ocorre por meio de um ciclo: temos um conhecimento (já adquirido/vindo de fora) que somado ao saber (vivências) resulta na aprendizagem, e assim vamos sucessivamente a cada novo conhecimento adquirido.

Sendo assim, aprendizagem se relaciona com conquistas que nos remetem a um prazer.

“APRENDIZAGEM”

“Processo que permite a transmissão do conhecimento de um outro que sabe (um outro do conhecimento) a um sujeito que vai chegar a ser sujeito, exatamente através da aprendizagem”.



Sara Paín



Indicação de Leitura

- Leia o artigo do link a seguir, retirado da Revista da ABPp: “o estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer”. - Link: <https://bit.ly/3aeogti> Acesso: 15/04/2021

Modalidade de Aprendizagem

Uma Maneira pessoal para aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber.

É como um(a):

• **Matriz**

• **Molde**

• **Esquema de
operar**

Podemos observar em cada um de nós um particular “modalidade de aprendizagem”, ou seja, uma maneira particular de se aproximar do conhecimento.

“Cada um de nós se relaciona com o outro como ensinante, consigo mesmo como aprendiz e com o conhecimento como um terceiro de modo singular. Analisando com cuidado o modo como uma pessoa relaciona-se com o conhecimento, encontraremos algo que se repete e algo que muda ao longo de toda sua vida nas diferentes áreas. Chamo de ‘modalidade de aprendizagem’ a esse molde ou esquema de operar que vai sendo utilizado nas diferentes situações de aprendizagem.” Alicia Fernández

Essa modalidade de aprendizagem se constrói desde o nascimento, tem história e vai se construindo por meio do sujeito, do grupo família e com a aprendizagem no decorrer de toda a vida.

Portanto é um molde, mas um molde relacional, e como também móvel, se transforma com o uso.

Modalidade na Infância



**Entrelaçada com a modalidade
familiar**

Sendo assim, necessitamos observar as características deste modo familiar de se aproximar ao não conhecido (ocultam, se escondem, valorizam-se, etc.?).

Um dos indicadores de alarme em relação com a possível problema de aprendizagem é uma “modalidade de aprendizagem” que se congela, que se enrijece.



No momento da avaliação, pretendemos fazer um corte que nos permita observar a dinâmica da modalidade de aprendizagem, sabendo que essa modalidade tem uma história que vai sendo construída desde o sujeito, seu grupo familiar, de acordo com suas experiências de aprendizagem e como foi interpretada por ele e seus pais.

Na avaliação tratamos de observar, desnudar e começar a esclarecer os significados da Modalidade de aprendizagem.

O conhecimento da modalidade de aprendizagem em um sujeito, assim como a relação entre a modalidade de ensino e modalidade de aprendizagem do aprendente, nos dão ferramentas preciosas para as intervenções psicopedagógicas, tanto no trabalho terapêutico como no preventivo.



A aprendizagem é um processo no qual intervêm



Como vocês já tiveram a oportunidade de ver em Módulos anteriores, quando estudaram a teoria proposta por Piaget, a estrutura intelectual tende também a um equilíbrio para estruturar a realidade por meio de dois movimentos invariantes:

assimilação e acomodação



Segundo **Piaget** (1969): “Toda consciência tem uma história, que a vincula com o esquematismo da ação, e por aí com o organismo”.

O organismo se sustenta e cresce por meio de transações com seu ambiente. Trata-se de um processo de adaptação, que acontece cada vez que um intercâmbio particular entre o organismo e o meio modifica o primeiro. Este processo de adaptação ocorre por meio de dois componentes: assimilação e acomodação.



Vejamos:

ASSIMILAÇÃO - é o movimento do processo de adaptação pelo qual os alimentos do ambiente se alteram por serem incorporados à estrutura do organismo.

Exemplo: Um alimento duro e com uma forma clara, no momento de começar a ser inserido, será transformado em macio e amorfo. Durante o processo de digestão, o alimento perderá sua identidade original até se converter em parte do organismo.

ACOMODAÇÃO - é o movimento do processo de adaptação pelo qual o organismo se altera, de acordo com as características do objeto a ser inserido.

O organismo, ao mesmo tempo que transforma a substância para incorporá-la, também se transforma.

Exemplo: A boca deverá se abrir, o objeto será mastigado e os processos digestivos deverão se adaptar às propriedades físicas e químicas particulares do objeto.

Portanto, “pela assimilação o sujeito transforma a realidade para integrá-la a seus esquemas de ação e pela acomodação transforma e coordena seus próprios esquemas para adequar-se à realidade do objeto a conhecer” (Alicia Fernández - 2001).

Observa-se que os movimentos de assimilação e acomodação vão variando, tendo uma invariabilidade em seu processo de adaptação em todo o ser vivo. Assim, um processo inteligente, no qual a assimilação e a acomodação estão em **equilíbrio** sem que uma delas predomine excessivamente sobre a outra caracteriza uma adaptação inteligente.

Por meio deste equilíbrio ocorre o “APRENDER”



Modalidades de aprendizagem que perturbam o aprender

De acordo com Sara Paín (1985), observam-se diferentes modalidades nos processos representativos, cujos extremos se descrevem como:

1. Hipoassimilação e Hipoacomodação
2. Hiperassimilação e Hipoacomodação
3. Hipoassimilação e Hiperacomodação

Podemos descrevê-las como:

- **Hipoassimilação** – Pobreza dos esquemas de objeto*, bem como a capacidade de coordená-los, ocasionando um déficit lúdico e criativo.
- **Hiperassimilação** – Internalização prematura dos esquemas com predomínio da subjetivização, desrealização do pensamento, dificuldade para resignar-se.
- **Hipoacomodação** – Pobreza de contato com o objeto, não se respeitou o tempo da criança em se repetir por várias vezes a mesma experiência. Apresenta dificuldade na internalização de imagens, a criança sofreu falta de estímulo ou abandono.

- **Hiperacomodação** - Pobreza de contato com a subjetividade, houve um estímulo excessivo da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão.

*Objeto - se refere ao objeto do conhecimento/aprendizagem, ou seja, a qualquer recurso digital ou não como, por exemplo: textos, animação, vídeos, imagens, aplicações, jogos etc.

Resumindo

Hiperassimilação e Hipoacomodação

(nega o objeto e afirma o sujeito - pessoa em questão; onipotência)

Hiperassimilação: se mistura muito, coloca seus desejos, se confunde.

Hipoacomodação: não respeita as características do objeto.

ONDE SE VERIFICA:

- na leitura e na interpretação de textos: se coloca dentro da história (pessoal);
- na contação de história: se põe nela, coloca personagens que não existem;
- na "hora do jogo": se enfia dentro da caixa (ela e as coisas se misturam);

- na relação com uma ordem: vai fazer outra coisa, ignora o pedido, a ordem;
- na relação com a regra: muda as regras (jogo) conforme seu desejo, interesse dela; detesta regras.

HIPERACOMODAÇÃO e HIPOASSIMILAÇÃO

(nega o sujeito e afirma o objeto; impotência)

- Hiperacomodação: só o que está fora vale, tem valor; respeita demais as leis do objeto; tudo o que depender do interno será empobrecido e problemático.
- Hipoassimilação: nega o que está dentro, não respeita nada do que seja seu, não “se coloca”.

ONDE SE VERIFICA:

- na contação de histórias: sempre descritivas;
- na redação: empobrecida, sem criatividade, sem fantasias;
- na cópia: é ótimo copista; copia bem, sem problemas;
- no ato de decorar (alguma informação): faz bem; é tranquilo;
- na relação com a regra: cumpre bem;
- no desenho: necessita de modelo.

Hipoacomodação e Hipoassimilação - Inibição total, pois é um distanciamento do objeto e de si próprio. Está mais próximo da deficiência intelectual; total empobrecimento.

Sabemos que a modalidade de aprendizagem de um sujeito com problemas para aprender, geralmente, será sintomática, consequentemente dificulta sua aprendizagem, por outro lado algo lhe permitiu aprender. Portanto na avaliação psicopedagógica, tentamos investigar como fez e faz para aprender o que aprendeu e aprende.



Para analisarmos a modalidade de aprendizagem de um sujeito que nos chega, seja no consultório ou na instituição, não precisamos realizar nenhum teste específico, já que em qualquer situação (modo de relatar, de jogar, de desenhar) podemos percebê-la.

Já no primeiro contato/atendimento com nosso cliente, observamos, por meio da atividade de Hora do jogo psicopedagógico (veremos mais adiante detalhadamente), a dinâmica dessa modalidade de aprendizagem. No decorrer de toda nossa avaliação, confirmaremos ou não, a cada passo realizado, como se dá a aprendizagem desse sujeito.

Uma aprendizagem normal supõe uma modalidade de aprendizagem em que se produza um equilíbrio entre os movimentos assimilativos e acomodativos.

Veja os exemplos abaixo:

Observe a figura:



Foi solicitado a três crianças, da mesma idade, que contassem uma história a partir da figura ao lado.

Criança A - “A menina estava lendo um livro. Ela gosta muito de ler. Seu gato estava do lado, no braço do sofá, dormindo. Era de noite e estava com o abajur ligado. Também está sozinha, as pessoas da casa devem estar dormindo.”

Criança B - Uma menina. Está lendo. Tem um gato e uma flor.

Criança C - Tinha uma menina lendo, estava com o abajur ligado. De repente o gato saltou e viu um rato enorme. Saiu correndo e um enorme monstro apareceu e foram para o país dos monstros gigantes. O gato e o rato ficaram amigos do monstro.

Analisando:

Criança A - apresenta-se de forma coerente e com uma modalidade de aprendizagem equilibrada, ou seja, os movimentos de assimilação e acomodação ocorrem de forma esperada, “equilibrada”. A criança consegue relatar de forma clara e objetiva a história da figura apresentada.

Criança B - apenas descreveu, faltou criatividade. Podemos dizer que esta criança apresenta uma modalidade de aprendizagem Hiperacomodativa/Hipoassimilativa, ou seja, prevaleceu o movimento de acomodação.

Criança C - fantasiou muito, acrescentou coisas fora do contexto da figura. Aqui podemos dizer que apresenta uma modalidade de aprendizagem Hiperassimilativa/Hipoacomodativa, ou seja, prevaleceu o movimento de assimilação.

Uma criança que apresente uma modalidade Hipoassimilativa/Hipoacomodativa pode ter a seguinte resposta: “Menina” (silêncio), “Tem uma menina” (silêncio), “Não sei mais.” Aqui temos um possível caso de deficiência intelectual.

Complemento teórico



Indicação de Leitura

- Faça a leitura do capítulo 8 (p.65-71) do livro “A inteligência Aprisionada” de Alicia Fernández.

Link: <https://bit.ly/3e4BvOB> Acesso: 15/04/2021

DESAFIO – Realize a atividade do exemplo (slide 18) com algumas pessoas. Pode ser criança, adolescente ou adulto e analise em qual modalidade eles se encaixam. Pode usar a mesma figura ou outra de sua preferência.

SAIBA MAIS

Sugestões de leituras complementares ao tema:

Livro: “**Os Idiomas do Aprendiz**” Alicia Fernández Artmed
Capítulos 4, 5 e 6.

Olhar e escuta psicopedagógica



Observe a figura abaixo:



Liste/escreva tudo o que consegue visualizar.

Vamos lá...

Itens com visualização imediata:

1. Casal
2. Árvore
3. Rochas
4. Mar
5. Ilha

Será que todos conseguem visualizar o bebê?

Talvez você tenha visto logo de início, ou demorou um pouco mais... ainda pode ser que tenha que ter tomado distância, ou mesmo olhado de posições diferentes para conseguir visualizar o bebê “escondido”, como também haverá aqueles que não conseguem visualizar.

Na avaliação, como também em todo o processo de trabalho psicopedagógico (intervenção), é importante estarmos atentos a todos os sinais, visíveis e não visíveis.

O olhar e a escuta psicopedagógica devem contemplar não somente o que está aparente, mas sim o que de certa forma se “oculta”.

Para isto devemos, como no exemplo acima citado, olhar por todos os ângulos, nos distanciarmos para podermos entender o que de fato está ocultando o não aprender do sujeito em avaliação.



Sobre o olhar e a escuta psicopedagógica



Primeiro vamos situar o lugar de onde olhar:

- **do espaço transicional:** espaço que permita trocas e reflexões;
- **de jogo:** espaço que permite o brincar de envolver-se por meio do lúdico;
- **de confiança:** espaço que possibilita o acesso a várias formas de brincar, ao fantasiar, à alegria, onde possa mostrar seu potencial;
- **de criatividade:** espaço que possibilite a criatividade e o reconhecer da própria autoria.

Somente a partir destes espaços poderá se gestar o olhar psicopedagógico.

“Assim como diz Pavlovsky (fazendo referência à transformação de uma ficha em um jogador de futebol): “Sei que a ficha simboliza um jogador – mas necessito negar – (para poder jogar), e então a ficha converte-se em jogador e vejo na ficha uma pessoa – não vejo mais ficha – esqueço-me da noção de ficha”, creio que este jogo é o que o terapeuta deve realizar, com a produção do paciente, para pode intervir. Mas, claro, não poderia jogar se não fosse completada “a visão com a emoção ou o sentimento correspondente””. Alicia Fernández (1991).

Sendo assim, se faz importante que este olhar não se limite a meras informações relatadas, mas que, por meio das produções de nosso cliente possamos entender e analisar os seus sintomas.

Para isto temos que tomar distância de “sua ficha” e enxergar a pessoa que nos apresenta com seus potenciais e emoções.

Não somente as informações transcritas (sejam escritas ou relatadas) nos permitem este olhar, mas sim, a subjetividade de como elas chegam.

Se faz necessário, além de seguir os fatos relatados, interpretá-los. Em muitos momentos temos muitos elementos teóricos e técnicos, porém se faz necessário situar-se em uma atitude clínica: “Escutar e traduzir”.

O terapeuta deve ser alguém que, com sua escuta, outorga valor e sentido à palavra de quem fala, permitindo-lhes que se organize a partir de ser ouvido.

Quando da realização da anamnese, vamos em busca de dados para que, em uma atitude analítica que consiste em escutar e traduzir, possamos trazer à tona as angústias e necessidades nelas escondidas e assim dar significações e esclarecer as possíveis causas dos sintomas apresentados.

É importante dizer que os dados, por si só, não nos remetem ao saber, ao contrário, podem ocultá-los. Devemos nos atentar aos resquícios do discurso e aos lapsos.

Um aspecto importante, no decorrer da avaliação (seja anamnese com os pais ou nas produções com o cliente), é saber a forma de fornecer a consigna, para que esta não interfira nas respostas dos pais ou mesmo dos clientes.



Também em relação aos dados evolutivos, teremos maior abrangência, na anamnese, quando perguntamos “como”. Exemplo: Para a compreensão psicopedagógica, perguntar quando aprendeu a andar é necessário, mas, se questionamos o relato de “**como**” se deu esta aprendizagem teremos um resultado mais abrangente.



Portanto, para realizar a leitura da produção de um cliente, família ou grupo, você deve ir:

“...posicionando-se em um lugar analítico e assumindo uma atitude clínica, à qual será necessário incorporar conhecimentos, teoria e saber, acerca do aprender”. Alicia Fernández (1991).



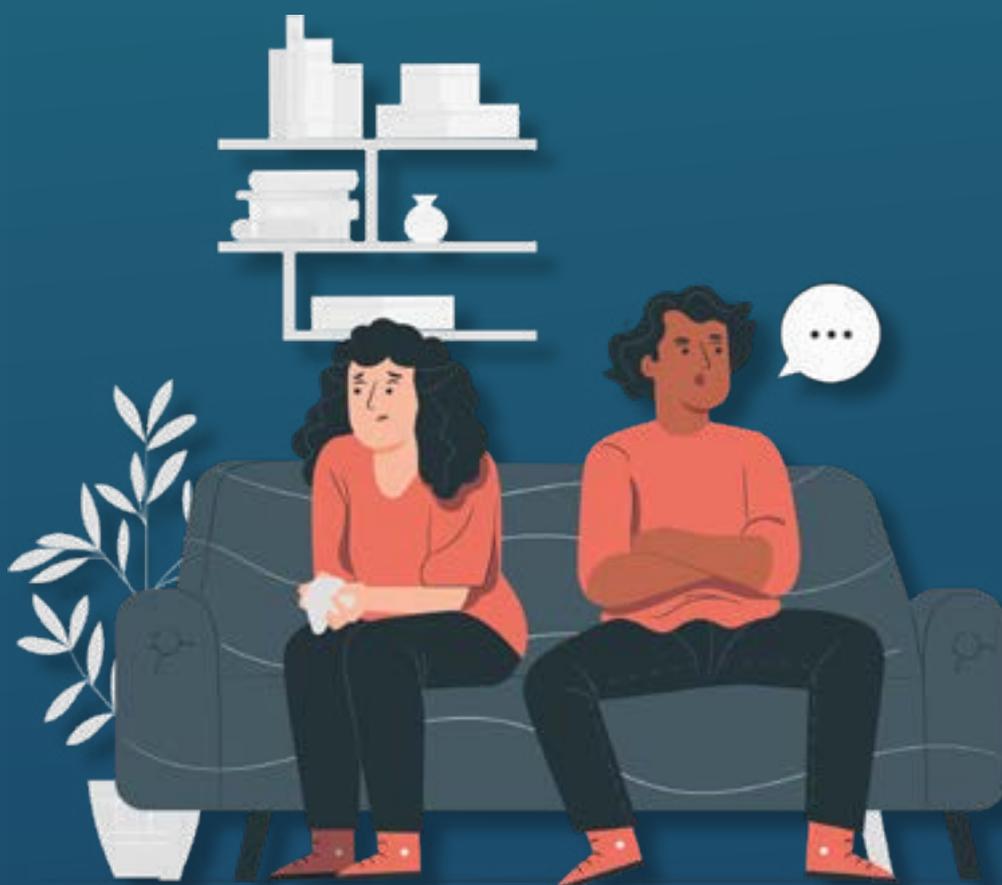
Indicação de Leitura

- Faça a leitura do texto do livro: “A inteligência Aprisionada” - Alicia Fernández - páginas: 72 a 81- Capítulo 9.

Texto complementar: “Olhar e escuta psicopedagógica” (Págs.

72 a 81- Capítulo 9) - Link: <https://bit.ly/3tkdU2t> Acesso: 15/04/2021

Queixa



O que é queixa?

“Ato ou efeito de queixar-se; lamentação; descontentamento; expressão formulada de dor, de desgosto, de ressentimento.” (Dicionário informal)



Por que...

Quando...

Como nos
queixamos?

Acabamos de nos referimos ao significado da palavra, porém quando aprofundamos em seu teor teremos várias análises de acordo com cada autor. Focarei no que nos reporta a nossa prática psicopedagógica.

Alicia Fernández, em um trabalho realizado com um grupo de professores, chama a atenção à questão de que a comunicação tem a ver com a queixa. A Queixa pode ser analisada como uma forma habitual de comunicação muito utilizada pelas pessoas.

Podemos dizer que queixa tem ligação com sentimento de frustração e impotência ninguém se queixa quando está bem. Nos queixamos quando a situação não está bem, consequentemente por não conseguir lidar e ou resolver as situações que nos deixam com uma certa frustração ou impotência.



Segundo Alicia (1993):

 “A queixa, que podemos comparar ao lamento, cumpre a função de confirmar e reproduzir um lugar de dependência. Vamos pensar o que pode fazer quem escuta uma queixa. Há duas pessoas: uma que se queixa e outra que escuta. Creio que quem escuta pode condoer-se, pode sofrer junto com quem se queixa ou pode ficar neutro. Mas é muito difícil que, a partir do enunciado da queixa, ela possa pensar. Façam este exercício: ao escutar a queixa do outro (é sempre mais fácil quando é o outro) qual é a primeira sensação de vocês? (Isto se esta queixa não for dirigida a vocês porque senão a primeira sensação é a raiva). Se a queixa é dirigida a uma terceira pessoa, a tendência será a de condoer-se. A queixa cumpre a função de inibir a possibilidade de pensar”.

A queixa ainda pode ser classificada em dois tipos: há queixas que são somente um lamento; há queixas em que já há um certo pedido. É importante atentar-nos ao que podemos fazer para transformar essa queixa, chegarmos a uma análise que não somente denuncie, mas que apresente uma postura alternativa de cuja construção tomemos parte, ou seja, postura essa que não consiste em dizer ao outro o que ele teria que fazer se estivesse em seu lugar, mas sim uma postura que possibilite começar a trabalhar numa produção pensante.

Recebemos a queixa já no primeiro momento com a família, quando da entrevista inicial. Sendo assim devemos nos atentar, pois é a partir destas primeiras falas que levantamos as primeiras hipóteses.

Analisando o que é dito é que vamos perceber de onde podem estar vindo os entraves que podem estar relacionados à história do cliente e de sua família ou relacionados a situações escolares definidas. Não se deve deixar seduzir por essa queixa inicial, nem tão pouco condover-se.

Geralmente essas queixas chegam por meio de frases: “As coisas não entram na cabeça dele”; “Parece que ele não guarda nada”.

Veja que a queixa não é apenas uma frase falada no primeiro contato, ela precisa ser escutada não apenas neste primeiro momento, mas ao longo de todo o processo de avaliação, sendo necessário refletir sobre o seu significado.

Neste processo, deve-se ouvir o próprio cliente em questão, os pais, escola (professores, coordenadores...), bem como outros que façam parte do processo de desenvolvimento do cliente.

Nesta investigação, na qual o aluno também se queixa, devemos ir ponderando junto a ele sobre a queixa apresentada.

Vamos analisar algumas queixas:

PAIS

1 - "Ele não faz nada na sala, não fixa em nada, não presta atenção na aula".

3 - "Vai sempre mal na escola, mas eu também era assim e hoje estou muito bem. Estou aqui porque a escola mandou".

CLIENTES

2 - "Não sou inteligente a ponto de olhar o professor explicando e entender na hora".

4 - "Estudo, na hora da prova dá nervoso e eu esqueço".

Nas queixas 1, 2, 3 e 4 apresentadas, responda:

1. Como você escuta essa queixa? O que mais chama sua atenção?
2. O que ela te faz pensar?
3. A que ela te remete?
4. Quais pontos, diante destas queixas, se fazem importantes investigar melhor durante o processo de avaliação?



Análise das queixas

No exemplo 1 não se fala em dificuldade de aprender, mas de um não olhar, de parar, de falta de interesse em ir ao encontro do conhecimento. Neste caso há uma necessidade de investigar sua relação com a realidade, aspectos emocionais e sociais e de se entender como se dá a valorização do conhecimento dentro da família.

No exemplo 2 temos uma fala, diferente da anterior, de uma dificuldade em aprender, absorver o conhecimento. Importante verificar seu autoconhecimento, movimento de busca do conhecimento.

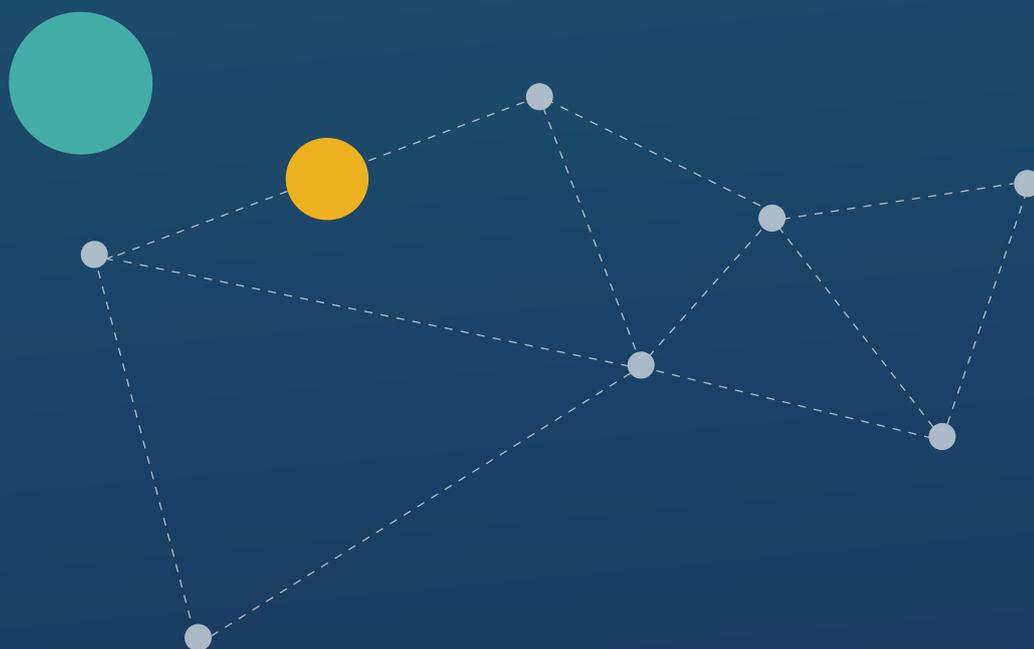


No exemplo 3 é colocada uma oposição dos pais, talvez uma recusa da necessidade de se fazer a avaliação sugerida pela escola.

No exemplo 4 é levantada a possibilidade de aprender e a impossibilidade de revelar o que se sabe. Importante verificar aspectos emocionais, dinâmica da família. Sugere-se, devido ao esforçar-se e não conseguir, dificuldades na área cognitiva.

Portanto:

É fundamental que durante a explicitação da queixa, inicie-se uma reflexão dos relatos, buscando em suas entrelinhas os aspectos que nortearão a sequência da avaliação, assim como as técnicas a serem utilizadas.



ATIVIDADE AVALIATIVA

Vamos colocar em prática o que vimos até agora.

Por meio dos relatos abaixo (queixas), analise cada uma das queixas apresentadas, buscando aspectos significativos/importantes para serem considerados no decorrer da avaliação.

Caso 1 - Queixa da mãe

“Ela não gosta de estudar. As lições de casa estão sendo feitas erradas. Foi relativamente bem. Ela está cansada. Eles estão absorvendo muito dela. Quando eu era criança (mãe) tinha um pouco de dificuldades, mas não tinha ajuda de ninguém. A J. não lê, não se concentra, não para quieta, se distrai com qualquer coisa”.

(J. - menina de 7 anos - caso fictício)

Caso 2 - Queixa da mãe

“Ele é desligado, extremamente desligado. Não está nem aí com nada. É canhoto, demora para escrever/escrita demorada e dificultosa. Eu (mãe) o acho muito imaturo, eu sempre tenho que fazer as coisas com ele, tenho sempre que monitorar. Ele não tem iniciativa, mas se pegar a lição com ele vai, mas tem que comandar sempre. Não tem interesse, eu (mãe) tenho que monitorar 24 horas. Não sabe estudar, eu oriento, mas não faz”.

(O. - menino de 11 anos - caso fictício)

Queremos aproveitar a oportunidade para apresentar o Instituto Singularidades com duas formações relevantes no ensino.

Pensando nessa necessidade, desde 2001, aqui no Instituto Singularidades, capacitamos educadores e impactamos o cenário educacional com cursos conduzidos pelos melhores professores.

E pensando naqueles interessados em ser transformadores do cenário educacional, montamos um time que pensou na formação em Psicopedagogia.

A Pós-graduação em Psicopedagogia do Instituto Singularidades é uma formação completa 100% Online, voltada para profissionais que desejam atuar na interseção entre educação e saúde, promovendo o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos.

O curso de 360H ou 600H oferece uma abordagem abrangente que integra teoria e prática, abordando desde os fundamentos da psicopedagogia até estratégias de intervenção pedagógica em diferentes contextos educacionais.

Com uma grade curricular que inclui estágio supervisionado (apenas na modalidade de 600H) e conteúdos práticos, os estudantes são preparados para diagnosticar dificuldades de aprendizagem e implementar intervenções eficazes, trabalhando de forma colaborativa com equipes escolares e famílias.

Ao concluir o curso, você estará capacitado para atuar em escolas, clínicas ou consultórios, contribuindo para um ambiente de aprendizado mais inclusivo e saudável.

Visite o nosso site e dê o primeiro passo para fazer parte dessa transformação no ensino!

[Visitar site](#)

REFERÊNCIAS

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERNÁNDEZ, Alicia. O saber em jogo propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PAÍN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1992.

WEISS, Maria Lúcia L. Psicopedagogia Clínica, uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

